

# ESTRESSE OCUPACIONAL DO PROFISSIONAL DE ENFERMAGEM NO CONTEXTO DA PANDEMIA PELO NOVO CORONAVÍRUS: ENSAIO TEÓRICO

Alessandra Rabelo Gonçalves Fernandes<sup>1</sup>, Ricardo Mazzon Sacheto<sup>1</sup>, José Marques Neto<sup>1</sup>  
Flávia Letícia Rabelo Gonçalves<sup>2</sup>

A pandemia do coronavírus descortinou graves problemas do Sistema de Saúde brasileiro, revelando imensas dificuldades de gestão, expondo problemas estruturais e fragilidades no gerenciamento dessa importante crise sanitária que assolou o país. Nesse contexto de tamanhas incertezas, os riscos reais à saúde do trabalhador de enfermagem pode ser constatada através dos dados do Conselho Federal de Enfermagem que até junho de 2020 registrou 249 óbitos de trabalhadores de enfermagem com diagnóstico de Covid-19.

Apesar dos riscos de ordem física e/ou psíquicas no ambiente de trabalho, os profissionais de enfermagem não interromperam suas atividades laborais, por ser considerada uma atividade essencial. Portanto, esse ensaio busca ampliar a discussão acerca das relações entre os estressores ocupacionais no trabalho durante a pandemia pelo novo coronavírus e suas implicações para a enfermagem. O estresse é produzido quando as demandas excedem a capacidade do indivíduo em responder aos estímulos gerados pelo ambiente externo, capaz de produzir adoecimento. Dessa forma, o estresse no trabalho vincula-se potencialmente ao adoecimento da classe trabalhadora, em especial aos trabalhadores da saúde.

O modelo de Demanda-Controle é muito utilizado para avaliar os aspectos geradores do estresse ocupacional, devido a abordagem bidimensional, controle sobre o trabalho e demandas psicológicas. A luz deste modelo, o estresse ocupacional tem levado a ocorrência de adoecimento como ansiedade e depressão. Sendo assim, o estresse ocupacional produzido pelo ambiente de trabalho possui implicações diretas na assistência ao paciente, devido ao adoecimento desse trabalhador. Estudos apontam que o estresse no ambiente de trabalho vincula-se potencialmente ao adoecimento da classe trabalhadora, em especial aos trabalhadores da saúde. O modelo de Demanda-Controle é muito utilizado para avaliar os aspectos geradores do estresse ocupacional, devido a abordagem bidimensional, controle sobre o trabalho e demandas psicológicas. O estresse ocupacional nos trabalhadores de enfermagem, a luz do deste modelo, tem levado a ocorrência de adoecimento como ansiedade e depressão.

Vale destacar que o trabalho de enfermagem é exaustivo e vem acompanhado por elevada carga de estresse com alta responsabilidade no seu fazer cotidiano, assim, esses profissionais convivem com sentimento de impotência e frustração. No ambiente hospitalar, aumenta-se o risco do adoecimento psíquico, pois esses profissionais deparam-se com alta exigência emocional, potencializado por estressores ocupacionais, envolvendo aspectos organizacionais, administrativos e de relações humanas, como: dificuldades de se relacionar como os membros da equipe, ausência de material para executar suas atividades, falta de recursos humanos e experiências que geram sofrimento como a dor e morte.

Além dos estressores ocupacionais próprios da atividade laboral, outros aspectos foram gerados pela pandemia e intensificaram os efeitos negativos a saúde mental desses trabalhadores, a exemplo de extensas jornadas de trabalho, com a finalidade de reduzir a circulação de pessoas no ambiente de trabalho e racionalizar o uso de material de proteção, distanciamento familiar, medo de contaminação e de transportar o vírus para familiares, alta sobrecarga emocional e lesões de pele pelo uso de equipamentos de proteção. Esses fatores levaram ao aumento dos níveis de ansiedade e carga de estresse desses profissionais.

Partindo dessa perspectiva, a pandemia do Covid-19 agudizou os impactos negativos e problemas vivenciados pelo profissional de enfermagem em seu ambiente de trabalho. Sendo assim, compreende-se que a enfermagem é uma profissão com elevada susceptibilidade de desenvolver estresse ocupacional, com implicações negativas a saúde mental devido altas demandas psicológicas e baixo controle sobre o trabalho.



1. Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia. 2. Hospital Professor Edgard Santos – Hospital das Clínicas/UFBA

Realização



Patrocínio



Apoio



Secretaria da Saúde



Comunicação



Organização

